

ALFAGUARA

# Beatrice Salvioni

## A Malnascida

Tradução de Ana Cláudia Santos



## Prólogo

### *Não digas a ninguém*

É difícil tirar de cima o corpo de um morto.

Descobri-o aos doze anos, com o sangue a escorrer-me do nariz e da boca e as cuecas enroladas à volta de um tornozelo.

Os seixos da margem do Lambro, duros como garras, pressionavam-me a nuca e o rabo nu, as costas afundadas na lama. O corpo dele pesava-me na barriga, anguloso e ainda quente. Tinha os olhos brilhantes e vazios, saliva branca sobre o queixo, e a boca aberta exalava um cheiro mau. Antes de cair, olhara para mim com o medo a contorcer-lhe o rosto, uma mão metida nas cuecas e as pupilas dilatadas e negras, que pareciam dissolver-se até escorrerem pelas faces.

Tombara para a frente, os seus joelhos comprimiam-me ainda as coxas, que ele conseguira manter abertas. Já não se mexia.

— Só queria que parasse — disse Maddalena. Tocava na cabeça, no sítio onde o sangue e a lama haviam coalhado num grumo de cabelos emaranhados. — Não tive outro remédio.

Aproximou-se, o vestido leve colara-se-lhe à pele molhada e desenhava-lhe nitidamente os contornos do corpo magro, nervoso.

— Já aí vou — disse. — Fica quieta.

Mas eu ainda não conseguira mexer-me: o meu corpo tornara-se uma coisa esquecida e distante, como um dente caído. Sentia só entre os lábios e na língua o sabor do sangue, e custava-me respirar.

Maddalena deixou-se cair de gatas, os seixos rechinaram sob as suas pernas nuas. Tinha as meias encharcadas e faltava-lhe um sapato. Pôs-se a fazer pressão com ambos os braços contra o busto dele, usou os cotovelos, depois a testa. Continuou a fazer força, mas não conseguia movê-lo.

As coisas pesam mais quando estão mortas, como aquele gato no pátio de Noè, cheio de terra, com as tripas viscosas e uma mão-cheia de moscas a comerem-lhe o focinho e os olhos. Havíamos-lo enterrado juntas, atrás do cercado dos gansos.

— Sozinha não consigo — disse Maddalena. Os cabelos colados à cara pingavam sobre os seixos. — Tens de me ajudar.

A voz dela agitou-se-me dentro da cabeça, cada vez mais forte. Desprendi a custo um braço de baixo do corpo dele, depois o outro. Pressionei as mãos contra o seu peito e empurrei. Por cima de nós, o arco da ponte e um retalho de céu turvo, por baixo, os seixos molhados e escorregadios. À volta, o barulho do rio.

— Tens de empurrar de uma só vez.

Fiz como me disse. Se tomava fôlego, inspirava o cheiro lânguido e doce da água-de-colónia daquele homem.

Maddalena olhou para mim e disse:

— Agora.

Empurrámos juntas, eu soltei um grito, arqueei-me e subitamente ele despegou-se. Caiu sobre as costas, ao meu lado, os olhos arregalados, a boca escancarada e as calças baixadas. A fivela do cinto tilintou contra as pedras.

Mal me libertei daquele peso, virei-me de lado, cuspi saliva vermelha para o meio dos seixos, esfreguei os lábios e as narinas com os dedos para apagar o seu cheiro. Por um instante faltou-me o ar, depois encolhi as pernas e tentei respirar. As cuecas tinham o elástico rompido, o tecido rasgado, furado pelo calcanhar. Escoiceei com raiva para as desenfiar e tapei-me com a saia, que se tinha arrepanhado acima do umbigo. Tinha o ventre frio e tudo me doía.

Maddalena levantou-se, limpou-se da lama esfregando as palmas das mãos nas coxas.

— Estás bem? — perguntou.

Mordi o lábio e anuí. Na minha garganta havia um dique prestes a ceder. Mas não chorei. Fora ela quem mo ensinara. Chorar era para os idiotas.

Maddalena afastou os cabelos colados à testa. Tinha os olhos pequenos e duros. Apontou para o corpo e disse:

— Não vamos conseguir deslocá-lo. — Lambeu o sangue que se acumulara debaixo do nariz. — Temos de o esconder aqui.

Levantei-me para me aproximar dela. Não me tinha em pé, a sola de couro dos sapatos fazia-me escorregar. Agarrei-me a ela, apertei-lhe o pulso com os dedos. O cheiro do rio cobria tudo. Maddalena tremia, mas não de medo. Maddalena não tinha medo de nada. Nem do cão de gengivas inchadas e espuma entre os dentes do senhor Tresoldi, nem da perna do diabo que desce pela chaminé na história que os crescidos contavam. E nem sequer do sangue ou da guerra.

Tremia porque se molhara quando ele a agarrara pelos cabelos arrastando-a para a margem, enquanto ela esperneava e gritava. Para a fazer calar, pusera-lhe a cabeça na água e durante todo o tempo tinha cantado, com uma voz áspera como as da rádio: «*Parlami d'amore Mariú. Tutta la mia vita sei tu.*»

— Temos de encontrar ramos — disse Maddalena —, ramos robustos. — Mas não deixava de fitar aquela figura imóvel, toda saliências e cavidades, que pouco antes me apertara os pulsos e enfiara a língua na boca: parecia-me senti-la ainda, e sobre mim os dedos e a respiração dele. Só queria ir dormir. Ali, no meio das pedras e do barulho da água, mas Maddalena tocou-me num ombro e disse: — É melhor despacharmo-nos.

Fizemos rolar o corpo pela margem abaixo, arrastámo-lo até um dos pilares da ponte, deixando-o enroscado contra o muro que transudava humidade. Tinha os cotovelos virados, os dedos rígidos e a boca aberta. Nada no seu rosto lembrava já o rapaz que era: elegante e atrevido, com as calças de vinco bem feito, o alfinete com o emblema fascista e a bandeira tricolor, que alisava o cabelo com o pente de tartaruga e repetia, a rir: «Vocês não são nada.»

Apanhámos os ramos que o rio cravava no areal em períodos de cheia, entre os ninhos dos patos e os canais de escoamento; colocámo-los em cima daquele corpo meio submerso na água.

Amontoámos pedras e raízes para que nem as cheias o pudessem levar.

— Temos de lhe fechar os olhos — disse Maddalena, deixando cair a última pedra, grande como um punho. — É assim que se faz aos mortos. Já o vi fazer.

— Não lhe quero tocar.

— Está bem. Eu faço-o. — Pousou a palma da mão naquela cara embranquecida e usou o dedo médio e o polegar para lhe descer as pálpebras.

Com os olhos fechados e a boca aberta, com todos aqueles ramos e aquelas pedras que o cobriam, parecia alguém que de noite é surpreendido por um pesadelo, mas não consegue acordar.

Torcemos as saias e as meias. Maddalena descalçou o sapato com que ficara, enfiou-o no bolso. Eu fiz o mesmo com as minhas cuecas; um trapo ensopado da lama que apanhei do chão.

— Agora tenho de me ir embora — disse ela.

— E quando nos vemos?

— Em breve.

Enquanto ia para casa, com as meias a ranger dentro dos sapatos, pensava no tempo em que nada tinha ainda começado. Nem um ano antes, a minha saia estava seca e sem rugas, encostava a barriga à balaustrada da ponte dos Leões para olhar de longe para Maddalena, e a única coisa que sabia sobre ela era que trazia desgraças. Não tinha ainda aprendido que bastava uma palavra sua para decidir se merecias ser salvo ou morto, voltar para casa com as meias ensopadas ou ficar a dormir para sempre com a cara afundada no rio.

1.

Chamavam-lhe Malnascida e ninguém gostava dela.

Dizer o seu nome dava azar. Era uma bruxa, daquelas que te pespegam em cima o hálito da morte. Tinha o diabo dentro de si, e eu não devia falar com ela.

Via-a ao longe aos domingos, quando a mãe me enfiava os sapatos que feriam os calcanhares, as meias cheias de altinhos e o vestido bom que eu devia ter atenção para não sujar. O suor corria-me pelo pescoço abaixo e o roçar contínuo deixava-me as coxas vermelhas.

A Malnascida estava lá em baixo no Lambro, com os rapazes, dois miúdos que eu conhecia só de nome: Filippo Colombo, cujos braços e pernas pareciam ossinhos de frango, e Matteo Fossati, com ombros e peito que eram os quartos de boi a brilhar de gordura no mercado da rua San Francesco. Tinham ambos calções, os joelhos cheios de arranhões, e por ela, que era mais pequena, e rapariga, estariam dispostos a oferecer o corpo às balas como os soldados que vão para a guerra, e dizer depois ao Senhor: «Morri feliz.»

Tinha a orla da saia, a que o sol e a sujidade haviam tirado a cor, arregaçada no cinto de homem apertado à cintura, os pés descalços bem assentes nas rochas quentes do sol. As pernas são aquilo que uma rapariga nunca deve mostrar. As suas estavam nuas e raiadas de lama, que lhe manchava a barriga das pernas e as coxas.

Tinha crostas que pareciam as feridas não saradas dos cães. Ria apertando um peixe que queria escapar-lhe das mãos. Os rapazes aplaudiam e batiam os pés no rio, faziam esguichar a água escura à sua volta, e eu perscrutava-os lá de cima quando

íamos à missa das onze, que para a minha mãe era a das «pessoas finas».

O meu pai ia à frente e não reparava em nós. Caminhava com um chapéu que lhe descobria ligeiramente a nuca, o passo rápido, as mãos atrás das costas, uma agarrada ao pulso da outra.

A minha mãe puxava-me e dizia: «Vamos atrasar-nos.» Apon-tava para lá da balaustrada da ponte e dizia: «A canalha.»

O meu pai, pelo contrário, não dizia nada. Não tolerava repreensões, mas eu sabia bem, e a mãe ainda melhor, que se tivéssemos ficado longe dele mais do que vinte metros e, por culpa nossa, tivéssemos chegado atrasados à missa, aquele seria um domingo de silêncios, de portas a bater e de dentes a ranger na haste do cachimbo atrás da *Domenica del Corriere*.

Tinha de me esforçar para afastar o olhar das crianças lá em baixo no rio, as crianças que eu não era e que havia sempre espiado.

Mas, naquele domingo, pela primeira vez, a Malnascida fitou-me com os seus olhos brilhantes e negros. Depois, fez um sorriso.

Faltou-me o fôlego e cerrei as pálpebras, disparei para junto do meu pai, na rua que subia para a catedral. Pus-me ao seu lado e ele nem se deu conta. Os poucos carros que passavam obriga-vam-nos a esmagar as costas contra as montras da retrosaria e da pastelaria de onde vinha o cheiro quente da baunilha. O letreiro anunciava: «Travessa de bolos a cinco liras.»

Estava a passar o *Fiat 508* preto de Roberto Colombo, que trabalhava na câmara e, dizia o meu pai com o tom dos assuntos sérios, «conhecia pessoas muito lá em cima». O senhor Colombo tinha dois filhos varões, que a senhora Colombo fazia pentearem-se com a risca ao meio, e usava botas pretas de cano alto. Quando as velhas da igreja lhe haviam revelado que o seu filho mais novo passava o dia inteiro com os pés no rio na companhia da Malnascida, dizia-se que ele o fizera engolir à força uma garrafa de óleo de rícino e lhe deixara o rabo vermelho das vergastadas.

Durante alguns domingos, espiei, da ponte, Matteo e a Malnascida sozinhos: Filippo estava na igreja, no mesmo banco do pai, a cerca de meio metro dele, com a camisa abotoada até ao pescoço e os mocassins limpos. Eu ficara secretamente feliz. Depois, um dia, Filippo voltara a sujar-se de lama e os seus pais, juntamente com o irmão mais velho, começaram a instalar-se mais à larga na missa, para tornar menos visível o lugar vazio que deixara.

O senhor Colombo guiava o seu automóvel sempre luzidio com a dianteira que parecia um focinho de tubarão com presas aguçadíssimas. Deixava-o na praça da catedral para entrar de imediato na igreja, como se caminhar lhe desse cabo dos sapatos.

O meu pai franziu os lábios como se lhe tivessem ficado entre os dentes restos de tabaco.

— A nossa ruína. Aqueles horrores serão a nossa ruína. — Não havia nada que odiasse mais do que os carros. — As pessoas querem andar depressa — dizia —, por isso é que já ninguém usa chapéu. — No entanto, se encontrava o senhor Colombo, cumprimentava-o com elegância, tocando na aba do seu *Fedora* de feltro cinzento.

Entrando na igreja, desapareceu o calor sufocante que se antecipara duas semanas ao início do verão. Ficou apenas o bafio sujo do incenso que subia à cabeça e escorregava até aos calcanhares; era uma sensação parecida com o medo do escuro. A mãe levava-me pela mão e eu só andava por cima das lajes de mármore branco, porque o Jesus de bronze e ouro no fundo do altar não parava de me fitar, e, se por engano pisasse o mármore negro, iria parar ao Inferno.

Na nave central ressoavam as sibilações das preces e o estalido húmido da saliva das velhas que rezavam com as costas curvadas, a cabeça coberta por véus que escondiam as orelhas. Sentávamo-nos sempre nas filas da frente e tínhamos de estar calados o tempo todo, exceto para responder aos salmos, dizer «Ámen» e «*Mea culpa, mea maxima culpa*». O padre falava dos pecados que mandavam para o Inferno e eu pensava nos peixes com as

barrigas de prata, nos rapazes de pés descalços no Lambro, e no olhar da Malnascida.

A mãe recitava o *Pater Noster* com o rosto entre as mãos, as pontas dos dedos sobre as pálpebras. Eu examinava um prego que saía da madeira do genuflexório. Quando o padre ergueu no alto o Corpo de Cristo, deixei-me cair para a frente como fazem as velhas.

Procurei o prego com uma perna e carreguei-lhe todo o meu peso em cima. Entrelacei os dedos e enfiei-os na boca empurrando os nós entre os dentes, enquanto raspava com força o joelho e dizia o *Gloria*.

Esfreguei-o com furor até a dor se me enterrar na nuca como uma coisa ardente e lisa.

Também queria ter as rótulas marcadas como os miúdos lá em baixo no Lambro. Também queria sentir a água do rio escoar-se-me por entre os dedos dos pés e mostrar as pernas raiadas de lama. Queria que batessem as mãos e os pés na água por mim.

**Com ecos de autores como Natalia Ginzburg, Alberto Moravia ou Elena Ferrante, eis a estreia fulgurante de uma escritora cuja mestria literária se dedica, neste romance, à procura da origem do mal e dos obstáculos à liberdade individual.**

Monza, Itália, 1936. Francesca, de 13 anos, está nas margens do rio Lambro, vergada sob o peso de um homem morto que tentou violá-la. Maddalena, amiga de Francesca, sai da água e ajuda-a a livrar-se do corpo: escondem-no no meio de arbustos. Este momento é um marco inolvidável na relação entre as duas raparigas, que começa um ano antes, quando Francesca se deixa fascinar por aquela a quem todos chamam «a Malnascida»: uma rebelde de origens humildes e com estranhos poderes. Contrariando a vontade da sua mãe, obcecada pelas convenções sociais burguesas, e ignorando os rumores que atribuem várias mortes à «Malnascida», Francesca junta-se ao seu bando de amigos «problemáticos», ávida por descobrir um modo de vida em absoluta liberdade. Entre as duas amigas, contudo, imiscui-se a guerra e o fascismo. Francesca e Maddalena terão de fazer uma difícil escolha: aliar-se contra a opressão social e a injustiça, ou deixar que o curso da História as separe para sempre.

*A Malnascida* é o elogiado romance de estreia da italiana Beatrice Salvioni, distinguido com o prémio literário Scuola Holden, criado pelo premiado escritor Alessandro Baricco. Uma inesquecível história de amizade e crescimento, sob o pano de fundo da Itália fascista.



**«O indiscutível fenómeno literário do ano. [...] Um livro magnético.»**

*El Confidencial*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

 [penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)

ISBN 9789897848728



9 789897 848728 >